

ASSIGNATURAS
PARA A CAPITAL

Anno	16\$000
Semestre	8\$000
Trimestre	3\$000
Mez	1\$000
Numero avulso	\$300

O CRUZEIRO

Organ. dedicado ás lettras, litterario
e noticioso

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS
PARA O INTERIOR

Anno	12\$000
Semestre	6\$000
Trimestre	3\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Redactores e collaboradores: diversos

Veritas supponit omnia

Escritorio da Redacção: Rua Couto Magalhães n. 20

O CRUZEIRO

S. Anna do
Paranahiba

A attenção publica está toda voltada para os gravissimos successos que se têm desenvolvido em S. Anna do Paranahiba.

A tobra revolucionaria endemica naquella região recrudesceu horivelmente.

Desta vez, como das outras, foi o odio inveterado entre familias, o causador de muitos factos lamentaveis.

Não se deve occultar que muito tem concorrido para o presente estado de coisas, o abandono a que têm sido condemnado aquelle longinquo municipio.

Custa comprehender-se como pode em tão ricas paragens conservar-se estacionario o progresso, quando, bem na sua visinhança, prospera assombrosamente o municipio de Barretos, no Estado de S. Paulo.

Mas os habitantes de S. Paulo não se atrevem a transpor o seu limite com o de Matto-Grosso, porque não querem dispensar as garantias que lhes offerece aquelle Estado para vir expôr-se no Estado visinho, entre as constantes luctas fraticidas, aos riscos que correm a vida e a propriedade.

Uma das causas talvez a unica, da anarchia que ali impera, é indiscutivelmente a falta de força com que possua a autoridade fazer-se respeitar.

A indole do povo affeito ao caudillismo, nascido e criado em eorrias e continuos assaltos á vida e propriedade alheias, exige o emprego de meios repressivos e

energicos para estabelecer-se a ordem.

Entretanto as finanças gemem sob o enorme fardo da despesa com forças de policia, que por si só absorvem a quasi totalidade das rendas estaduais.

Emquanto nestal capital mantem-se em armas inutilmente um batalhão de 295 homens, cuja grande trabalharia se resume, na ultima analyse, na sedição guarda da cadeia na qual se occupam nove preças; enquanto em Corumbá se mantem um corpo de 140 homens: S. Anna tem que contentar-se com um pequeno destacamento, incapaz, portanto, de enfrentar uma centena de homens aguerriados.

E' digno de nota a completa inutilidade, ou antes inconveniencia da força policial em Corumbá, que, contando apenas 5.000 habitantes, é a sede do districto militar, o onde são estacionados navios de guerra e poderosas forças do exercito e da armada.

E a anarchia tem trazido o descalabro na arrecadação dos impostos. Devendo sahir annualmente por S. Anna cerca de 200 mil rezas, a renda devia ser de 600 contos; e entretanto só se tem conseguido arrecadar a terça parte.

E' claro que, se ali fosse segura a ordem, o augmento das rendas seria sufficiente para o custeio de um batalhão.

Parece-nos que o Governo não andaria mal se transferisse para S. Anna do Paranahiba o corpo de policia estacionado em Corumbá.

Caso, porém, haja qualquer conveniencia (que não vemos) em conservar-o onde está, parece, não seria desacertado crear-se um novo naquelle municipio.

Notas da semana

Consorteios

Parante numerosa concurrencia, realison a 30 do mez p. findo, na povoação da Varzea-Grande, o casamento do Sr. José Maria Lopes Pereira, com D. Emydia Izidora de Campos. Testemunharam os actos: os Srs. Coronel José Magno da S. Pereira, Alberto d'Antas da Gama, Matheus Viegas e Joaquim José Corrêa.

Terminada a solemnidade, prolongou animado até ás 4 horas da madrugada. Aos esposos nossas felicitações.

Na mesma data realison no 2.º districto da Capital, o casamento religioso do Sr. José Albano Curvo e D. Juvenilla Baptista da Silva Curvo. Felicitando-os, agradecemos a gentileza da participação que nos fizeram.

Hospede

Vindo da sua fazenda S. Miguel temos o prazer de cumprimentar o Sr. Coronel Antonio de Moraes Delgado, descedendo longa permanencia em nosso meio social.

Fará a primeira viagem do porto de Corumbá ao de Cuiabá, o novo paquetinho *Apia*, da companhia do Novo Lloyd Brasileiro.

Falleceu na Capital Federal, em um dos ultimos dias do mez de Julho findo, o Dr. Manoel Corsino do Amarante, tanto da Escola Militar o nosso distincto conterraneo.

Sentindo tão lamentavel perda, occionado por esse prematuro fallecimento, dirigimos á sua familia e ao nosso Estado que com sua morte perde uma esperanca fagueira as expressões sinceras do nosso pesar.

O dia 4 p. passado foi todo de alegria no lar do Sr. Coronel Sebastião Ramos por ser o dia folia anni-

versario de sua virtuosa esposa Pensylvania Ramos.

A^a anniversariante, bem como a toda a família, endereçamos nossas sinceras e modestas congratulações.

Acha-se restabelecido da enfermidade que o acommeteu o nosso amigo e companheiro do redacção Fenselon Müller.

A Sul America

No dia 2 do corrente, domingo, pelas 2 horas da tarde, foi inaugurada a Succursal da Companhia de Seguros "A Sul America", tendo como gerente nesta capital o Sr. Major João Celestino C. Cardoso, cujo escriptorio fica situado a rua Antonio João n. 31.

No acto de inauguração, ao qual assistiu muita gente, fallou o Sr. Frederico de Oliveira, pondo a disposição dos segurados a succursal desta capital.

Onde ja se viu

pés microscópicos?

Eis a phrase sujeita á analyse.

Pretende Zé Pafunco que esteja ella errada, porque o verbo *viu* devia estar no plural para concordar com *pés microscópicos* que, em sua opinião, é o sujeito da oração.

Entende ser o certo: Onde ja se *viu* *pés microscópicos*? e isto é assim porque o *se* como reflexivo *se* é apassivante do verbo.

O Fidelis porém pensa o contrario e afirma que, sendo o *se* também um indefinido, ali representa o papel de sujeito em lugar de *alguem*, *gente*, *homem*, *alguma pessoa*, o por esse motivo, com o verbo *viu* no singular, a phrase é correctissima e usualmente empregada pelos classicos, verdadeiros mestres da lingua; verbi gratia Caillou que diz: «Tediada e impolida coisa é fallar homem de si mesmo.»

Fausto: «O que *homem* herda..... Só pôde chamar seu, quando o utiliza;» Palva, S. I. Luc. 10. 13: «Só a Deus se deve amar, isto é, só a Deus a gente de amar.»

A explicação pertence aos grammaticos cuja opinião aliás controvertida, na hypothese em questão, não pôde tirar a belleza da lingua nem roubar-lhe a riqueza extraordinaria e caracteristica de sua modalidade expressiva.

Não tendo pretensões de escriptor nem disputando os lóros de mestre, quero antes aprender; mas aprender não seria accetitar tudo aquilo que nos impoem dogmaticamente como regras absolutas e em detrimento da lingua, o o se, junto ao verbo, é verdade pôde apassivato e também representa muitas vezes, evidentemente, um indefinido; tal é o caso em questão.

Na phrase que se analisa, o *se* traz uma ideia indeterminada, ou deve ser considerado como uma simples parti-

cula apassivante, e quer que seja em todos os casos, o nosso collega Zé Pafunco?

Admittamos por um momento que ali represente uma particula apassivante, e sujeitemos ás regras da passividade; passando a nossa phrase de uma voz para a outra, fica: Onde os *pés microscópicos* já foram vistos....

Por quem collega?—Por alguém certamente.

Ora, voltando para activa a mesma phrase «Onde os *pés microscópicos* foram vistos por alguém», teremos a correção della: «Onde *alguem* ja viu *pés microscópicos*.»

Alguem aqui, em lugar de se exerce a função de sujeito e isto é racionalmente evidente.

Logo o *se* alem de não ser só particula apassivante, na phrase que se analisa, é um verdadeiro indefinido, equivale a *alguem* a *gente* etc., devendo o verbo para concordar como sujeito, estar no singular e não no plural como seria incorrecto o quer o collega.

Não necessitam-se para esse fim da explicação que alguns auctores ou grammaticos dão, fazendo derivar o do *on* francez, a ponto de attribuir a um galleisio aquillo que constitui a riqueza da nossa propria lingua (Said Ali).

O *se* também representa a função de indefinido, e contra esta verdade não ha barreira ou explicação possível por aquelles grammaticos que a combatem, como C. de Figueiredo, unico que falla de uma maneira absoluta, pois todos os demais grammaticos contemporaneos, ainda os mais contrarios, são accordes em asseverar essa particularidade do *se*. Moraes e Silva, tão preconizado pelo Sr. C. de Figueiredo como o melhor lexicographo assim se exprime: *se* é também pronome indefinido e invariavel; mas ao contrario do reflexivo é sempre *sujeito* e nunca complemento; significa *alguem*, *alguma pessoa*, etc.

Alem disso, Sotero dos Reis diz: Querem alguns grammaticos que *se*, quando não é reflexivo, seja uma simples particula empregada para apassivar os verbos; mas *sem fundamento solido*, porque se, neste caso sempre se refere a pessoa indeterminada e tem a sua virtude de pronome, posto que então seja *indefinido*, como outros pronomes da mesma natureza.

Guilherme Briggs dizendo que ha tres modos de indicar o sujeito indefinido, põem entre elles o dito *se*. Ora sendo o *se* pronome indefinido, como comprovam os auctores citados, segue-se que é sujeito pelas proprias palavras do collega.

E são entretanto todos estes mestres qualificados de obscuros na opinião do meu nobre collega Zé Pafunco, para chegar a conclusão de que Fidelis errou.

Errar assim, não é errar por ignorancia e nem tão pouco dá lugar a

que se lobreigue em quem assim procede, senão o desejo de aprender na opinião fundada de mestres, e não é com esses seus juizos que o collega convencer-me-á de um erro, que a admittir-o seria attingir aos proprios classicos, onde se deve beber os acertos e bellezas da lingua.

Pego licença para, em conclusão deste artigo que já vai longo, desfallar o a analyse esta phrase: «Morre-se de fome.»

Qual a função do *se* ahi?

Aguardo esse juizo da autoridade em que se julga bem fundado.

Fidelis.

BALDROCAS

Dialogo apanhado no Largo da Matriz, entre dous *quêras* d'A Juventude:

—Vio como esborrachamos O Cruzeiro?

—Olá se vi. O homem do *vitoncello* lá está todinho da silva, c'o chapéo de palha e tuiol!

—Então, seu Fidelis, o Zé da Vesta diz que os taes do Cruzeiro são macacões e imitam a Juventude a torto e a direito, até nos flo-reios das seções?

—E' verdade; o Zé é um ignorante, por isso que escreveu aquillo; si elle soubesse que a Juventude torna-se até ridicula pelas suas imitações, não escreveria aquillo... E' um inconsciente.

—Aquelle X-M da Prosa fiada é um sujeito tão sem graça que até faz rir a gente.

—Não ha duvida; não leste aquella do ultimo n. da Juventude?

—Li sim; e o tal escriptor é tão perito e sábio que *interpola* um dialogo sem ao menos collocar os signaes de interlocução.

No jardim.

—Quem nunca comeu azeite doce...

—...quando come suja os labios...

—E' mesmo.

—Porque dizes isto?

—Não viste hoje o pessoal da Juventude, um enorme grupo ali ao janella do Pina, a garatujar fingidamente tiras de papel, como se fossem reporters do «Jornal do Commercio» no seu gabinete de trabalho?

—Vi, sim; e o que mais?

—Pois elles o fazem unicamente para os visinhos ficarem sabendo que são os redactores do jornal.

—Tolos! Passam o dia nessa exhibição grotesca e á jardinha sabe *A Juventude*, cheia de tolices e...

Fidélis.

O ultimo numero d' "*A Juventude*" traz, entre outras preciosidades, (não vá griphar, senhor typographo) um monumental artigo em resposta ao *Fidélis* sobre a questão do pronome *se*.

O autor, ou antes, os autores, que trata-se de uma firma—Zé da Vesta & C.ª, mostraram-se bons censors quando, emphaticamente, dizem que «é preciso que se acabe de uma vez para sempre com a pretensão de censurar gente que entende ser muita coisa, em se tratando de qualquer assumpto.» Têm razão, e muita razão, os senhores em dizer isso: só que não reflectiram que assim, dizendo poderiam melindrar a qualquer da sua *societidade*.

Mas, "macaco não olha para o rabo", é dictado antigo.

Moltemos ao caso.

E' meu intento rebater algumas asserções errôneas que se notam no supradito artigo.

Le-se lá: «Por ahí se vê, portanto, que nos baseamos em exemplos classicos, o que não faz o amigo indo buscar subterfugios e construcções errôneas que ahi não vêm ao caso.» Quizerá que me dissessem que são esses subterfugios a que alludo esse tópico...

A phrase que o *Fidélis* citou como exemplo: «ondea gente põe sua esperança?» que, talvez, foi mal entendida pelo collega, (refiro-me daqui por diante ao Zé, apenas, e creio comprehendê-los todos os outros) é de Camões, no *Lusiadas*. (1, 405).

Diz mais o amigo que Lameira de Andrade e Pacheco da Silva Junior são grammaticos pouco citados, só porque não os conhece, sem saber que Ruy Barbosa, na sua magistral *Replica* invocou o testemunho desses mesmos autores por varias vezes. (pg. 89 e outras).

Julio Ribeiro que o collega põe naomenclatura dos grammaticos a seu favor, manifesta-se, á pg. 262 da sua *Grammatica*, de idéas contrarias ás que o collega preconiza, como se pôde ver da leitura desse trecho.

Sobre esse mesmo ponto, do *se* como sujeito, no sentido indefinido de *homem*, a *gente*, no dizer brasileiro, manifesta-se o já citado Ruy Barbosa nestes termos bem claros:

«Alguns grammaticos tem por não tolerado hoje a construcção portugueza em que *homem* entra na acceção indeterminada e vaga do *on* francez e do *se* na nossa linguagem... e mais adiante: «classicos do nosso tempo como Castilho e Castello Branco inda usavam a phrase portugueza cuja ele-

ganola era pena se deixasse perder.» E, em seguida, lembra varias citações de Castilho e Castello Branco, que por longos deixos de transcrever-as.

Alexandre Herculano que o collega chamou em seu auxilio escreveu phrases como esta: «falava-se de um milagre.» (Opusculos, livro 6.º, pg. 37). Como vê, *seu Zé*, o *se* desempenha nessa phrase e noutras analogas o papel de simples substituto do indefinido *homem*, ou melhor, a *gente*, e a phrase não ficaria errada si, em vez do *se*, puzessemos essas palavras: «a gente falava de um milagre. O que não impede que, caso se tratasse de milagres a não da *milagre*, o verbo permanecesse o mesmo, no singular.» Falava-se de milagres "é uma phrase portuguezissima, não achá, *seu Zé* da Vesta?

Outro tanto não se dá com o verbo apassivado; pela paridade *se* e *o* caso é diverso.

Supponhamos por exemplo, uma phrase: «aluga-se uma casa.» Certamente que *o* se nesse caso é simples *apassivante* e não quer dizer que a *gente* aluga uma casa, mas sim que *uma casa é alugada*.

Então, sim, o verbo deve ir para o plural si casa, que é o sujeito, for: *alugam-se casas*.

Mas esse é outro cantar!

Diz o collega que no nosso caso o *se* era apassivante porque podia-se dizer: «onde põe microscopios foram vistos?»

Não nego que a phrase poderá ser tomada nesse sentido, mas o certo é que não foi esse o sentido em que a consi-leramos.

Quando puzemos aquelle *se* *rim* tínhamos em mira tornar o sujeito extensivo, isto, o que equivale dizer que o *se* substitua claramente a *gente*.

O collega que quer por força descobrir erros em tudo (talvez para mostrar o seu saber) tomou por passiva a phrase a que tínhamos dado significação activa.

Dahi todo o erro.

O *se*, si o julgarmos como apassivante do verbo, nada teria a ver com o mesmo verbo que deveria ir para o plural, concordando com *pés microscopicos*: mas, encarando-o como sujeito indeterminado, —o foi assim que o encaramos, exige o verbo no singular.

Fica assim explicado o caso do *se*.

Sem mais, subscrovo-me
amigo attencioso,
Gilbert.

Impressões

Estava-se em plena primavera, o mez das flores por excellencia. Foi n'uma d'essas noites amenas de Maio.

A lua brilhava no céu marchetado de estrelas, illuminando com sua luz prazenteira toda a amplitude terrena...

N'essa noite cheia de encantos e harmonias eu vi uma graciosa donzella.

A sua imagem aureolada de uma belleza ingomparavel fascinou-me: Qual aureo diadema, bastos e leuros cabellos ornavam a sua attiva e scelerana cabeça; meigos sorrisos deslizando por seus labios purpuros deixavam ver as perlas magnificas, precioso ornamento de tão mimosa bocca, seus olhos, porém, não os pude ver.

Leve e magestosa ella passou por mim, indifferente, e eu encostado quedei-me a contemplar ahi.

Vestia com essa simplicidade elegante que dá á mulher todos os encantos que um artista pode idear.

Em seu meigo semblante ella deixava transparecer a alegria de algum encontro premeditado al-gures: ...no jardim, talvez.

Ali eu a encontrei. Passava os tentando sua brilhante formosura.

Então procurei na luz dos seus olhares, um lenitivo á opressão que eu sentia, mas tudo era vão... Desdenhosa sempre, qual filha do velho Licio, ella evitava a chamma ardente de minhas pupilas, e, quando ás vezes as percia envolto-a, voltava negligente seu rosto bello e mirava alem—bem longe, onde quicás se encontrava o seu unico ideal... meu venturoso rival.

18—7—1908.

Rasec.

O fim do mundo adiado

O fim do mundo, designado para ter lugar hoje, foi adiado conforme podemos ver pelo seguinte telegramma que o observatorio meteorologico do Rio recebeu do céu e que por intermedio do planeta Marte, chegou ao seu destino. Eil-o: O meu divino Senhor avisa á humanidade que o fim do mundo fica adiado para 30 de Setembro proximo. Saudações. S. Pedro.

Portanto, ainda ha tempo; quem não quiser assistir o fim do mundo poderá ir tratando de morrer enquanto é cedo, porque si não verá que o negocio é feio mesmo...

EM RESPOSTA

Ao Ill.^{mo} Lutero Azevedo.

Por maneira alguma quer V. Ex. dar por acabada a questão da dança que fazer? Só o q' eu deploro, veja bem, V. Exa. é a falta de argumentos que vos obriga a trazer á baila aquella explicação, tão nescia quão descabida, de que a dança teve origem de uma louça que sahio dançando pelas ruas de Athenas ou Sparta, e que, depois conseguiu-se impor á crença do povo como enviada de Jupiter...

Como V. Exa. é fértil em explicações! por essa maneira irá nos dizer em breve que Roma foi construída por phenícios, ou, que Pallas, — a deusa da sciencia, era uma viradeira do exercito grego.

Diz mais V. Ex. que eu hei de concordar "que uma noite perdida no baile (ou em qualquer divertimento) é prejudicial, que nos bailes sempre ha decepções tanto da parte dos rapazes como das moças; que a dança é uma palhaçada comica, que faz rir e que lhe causa nauseas."

Vamos ver si concordo:

Que uma noite perdida faz mal, já o diziam os nossos antigos e não pense V. Ex. com isso ter descoberto a polvorá; mas, diga-me Exm., é possível exigir que a mocidade se prive de divertimentos, mormente em terra tão pouco movimentada como a nossa? Pois é o caso do "dos males o menor"; nos bailes, pelo menos o julgo), está-se melhor que nos cafés restaurantes ou em qualquer outra parte onde se divirta...

Enquanto ás decepções a que alludis, onde é que se não soffre decepções? Si a vida é um rosario dellas! Eu, é digo convicentemente, me não lembro de ter soffrido cousa que muito me magoasse num baile. Talvez V. Ex. soffresse; e assim se explica o seu ardor e sua animosidade contra a arte divina de Terpsichore.

Bem se vê o seu apaixonamento, quasi digo despeito, quando chama o baile "palhaçada comica, que faz rir e lhe causa nauseas." Nauseas? Ora, tire a lente da paixão e diga-me, sinceramente, o que ha num baile pôde causar nauseas? A menos que V. Ex. interprete mal a palavra. Nauseas num baile, ou a respeito de um

baile? Ora, esta só lhe lembrava, Sr. Lutero!

Para fundamentar as suas infundamentadas phrases chama V. Ex. em seu auxilio Casimiro de Abreu com a sua poesia *O Baile*.

Não sabe V. Ex. que os poetas são a raça de gente mais inconstante do mundo? o que dizem hoje, desdizem amanhã, e vice versa. Como quer citar um homem desses como argumento? Si fosse por poetas já eu teria a mais tempo, lhe apresentado varios delles apaixonados da dança, nomeadamente Luiz Murat...

Não os citei porque vi que são gente em quem não se pôde fiar, e para prova veja V. Ex. esse mesmo C. de Abreu o que diz á pagina 209 das "Primaveras", na poesia intitulada Segredos:

Oh! fiontem no baile, com ella valsendo,

Senti as delicias dos anjos dos céus... e assim por diante.

Quem diz isto mostra que aprecia bastante a dança, não acha V. Ex.?

Fique-lhe de escarmento para não fiar-se mais em poetas. Dissipadas assim quaesquer duvidas sobre a sua Carta aberta, encerro este, certo de com elle ter encerrado a polemica.

E creia que já não é sem tempo.

De V. Ex. amigo e Venerador,
Alfino de Lima.

Remorso

(Conclusão)

Desesperado entra, e acomoda-se, cerra as palpebras e faz de quem dorme. Ouve soar 1½ noite, uma hora, duas, e ainda acordado... Os gallos amiudaram o canto quando devagarinho, insensivelmente o somno apodera-se d'elle.

IX

E' de manhã. D. Stella, tendo-se levantado prepara-se para a viagem.

Os cavallos arreitados já esperam-na á porta.

Todos se levantam e tagarellam. Uma dirigindo-se a D. Stella diz: Não se esqueça de que me prometteu, hein?

—O olho de côco, diz uma a qui.

—O meu doce de leite, lá falla outra.

Joãosinho acorda sarapantado

e vendo os raios de sol que entram pela vidraça, dá um salto fóra da rede e deparando o movimento de partida, fica como um attonito, um bobo a olhar para aqui e para ali, recostado em uma cadeira. Ali conserva-se, queda-se até imóvel olhando a hifa-lufa dos que trabalham. Trazem-lhe o café e elle o bebe de um trago sem aquiemto tomar-lhe o sabor. So sahe dessa indolencia quando D. Stella vem despedir-se d'elle.

—Então, meu filho, até breve.

—Abenção mamão!

—Deus te abençoe; e abraçam-se.

Vem o Tonico e despede-se de Joãosinho abraçando o e chorando. Então dizem. Oh! Joãosinho, você é de coração de gelo. Está bem quieto, nem uma lagrima!

Elle desconcertado diz: Mas chorar porque, si Mamão volta brevemente. Exprimiui-se assim, mas oprimia-lhe o coração um grande peso, uma dor immensa. E essas só se desabifam no fundo de um quarto, onde olhos estranhos não venham sondar-lhes a profundidade e irrompem-se com o catadupes que não se contém.

Tal se deu com Joãosinho. No socego do seu quarto e secreta, mente, derramou copiosas lagrimas de... de... remorso.

De tudo que se passou era o que lhe restava — o remorso: de ter resistido á vontade de sua mãe, porque um bom filho diante das suas illusorias ambições antepõe o dever a seus paes.

E Joãosinho depois, passados annos quando na capital do Brazil estudava e lembrava o seu passado sentia um remorso que o pungia cruelmente e no meio das suas lagrimas proferia estas consoladoras palavras:

Fiz mal, devia cingir-me ao que ordenava-me mamão e não seguir as minhas aspirações.

Antes fosse lavrador, roceiro, mas ao seu lado com uma pessoa querida a consolar-me, do que formado, mas longe della, sem ninguém...

E as suas lagrimas consolavam-no porque o peccador quando arrepende-se e chora — lava as culpas passadas.

Cuibá, 25 — 3 — 908.

Generoso Alves de Siqueira.